

CRISTAIS DE MENTALIDADE: DITADOS COMO SINAIS IDENTITÁRIOS NO ROMANCE DA PEDRA DO REINO

Marcos Paulo Torres Pereira¹

RESUMO: Ariano Suassuna, autor de *Auto da Compadecida* e *O Santo e a Porca*, tinha como *leitmotiv* a valorização da produção material e imaterial do povo, através da evocação do que há de universal, eterno e poético no romanceiro nordestino. Tratado como elemento dramático no *Romance da Pedra do Reino*, o autor emprega formas simples como elementos identitários do povo sertanejo, tecendo uma estampa imagética de sua mentalidade. O presente artigo discute o emprego de ditados e provérbios como cristais de mentalidade imanentes de costumes e história, crenças e tradições, filtrados mediante estados afetivos, moralizantes e pedagógicos que se tornam expositores de identidade.

Palavras-chave: Oralidade. Identidade. Mentalidade.

RESUMEN: Ariano Suassuna, autor del *Auto da Compadecida* y *O Santo e a Porca*, tenía aprecio *leitmotiv* de la producción material e inmaterial de los pueblos, a través de la evocación de lo que es baladas universales, eternas y poéticas en el noreste. Tratada como un elemento dramático en el *Romance da Pedra do Reino*, el autor utiliza formas simples como elementos de identidad de la gente, tejiendo un patrón de las imágenes de su modo de pensar. Este artículo aborda el uso de dichos y refranes como cristales mentalidad inmanentes costumbres y la historia, las creencias y tradiciones, se filtra a través emocional, moralizante y estados pedagógicas que se convierten en la identidad.

Keywords: Oralidad. Identidad. Mentalidad.

1 Ditados e provérbios

Se a existência humana é constituída pelo tempo, é igualmente constituída pela linguagem.

Terry Eagleton

A fala proverbial traz em si mesma um quê de sabedoria e beleza que pertence ao mundo, à natureza humana. Espécie de “pronto-feito” fraseológico, ditados e provérbios funcionariam como instrumentos de conduta aptos para serem aplicados no cotidiano, proferidos numa fraseologia própria que, mediante recursos mnemônicos (como rimas e comparações), tornam-se vivos e atuantes na mentalidade dos povos.

Os provérbios, como Formas Simples que são, refletem a mentalidade de um povo, seus costumes e sua história, suas crenças e tradições, mediante estados afetivos, moralizantes e pedagógicos que se cristalizaram na alma deste e se tornam instrumentos de identidade. As

¹ Mestre em Letras pela Universidade federal do Ceará, professor da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. E-mail: marcospaulo@unifap.br.

três sentenças acima podem formar um único parágrafo, pois todas estão falando do mesmo assunto.

André Jolles (1976) define Formas Simples como os traços de espírito de uma comunidade nas histórias e nas produções imateriais populares e folclóricas, sua ação se perfaz em dois aspectos: o ideológico e o linguístico. O indivíduo, na ação contínua da linguagem através da fala, transforma o fato e/ou o ser, empregando seu conhecimento linguístico e prévio de mundo, em conceito assimilado do ideológico para o linguístico. Entretanto, à medida que esses conceitos linguísticos são cristalizados nas inter-relações sociais das comunidades, passam a fazer parte novamente do campo ideológico, servindo de substratos a novas formas simples e demais produções imateriais da comunidade.

As Formas Simples nascem da disposição mental do povo em cristalizar o ser e/o acontecimento referencial num gesto verbal, através de propriedades específicas de querer dizer e significar. Estas surgem da necessidade de tornar o ser ou o fato analisado mais próximo de si e da comunidade na qual está inserido o indivíduo, transformando-se em marcador de identidade o substrato desta cristalização. Suzi Frankl Sperber (1997) assevera:

Entendo as formas simples com o sentido apresentado por Andre Jolles: opções não abrangidas nem pela estilística, nem pela retórica, nem pela poética, ainda que possam ser utilizadas por todas elas. Encontram-se na oralidade e na escrita, mas provêm da oralidade. São pré-literárias, precedendo as manifestações realizadas historicamente na cultura literária e virtuais, podendo realizar-se ou não, escolhidas por autores conforme o seu código cultural literário, social e histórico. São blocos de sentido e forma encontráveis em variantes e sequências da ação relatada ficcional e historicamente. Correspondem a uma experiência pré-literária caracterizada fundamentalmente pelo esforço em atribuir um sentido global, de totalidade, a um fenômeno ou conjunto deles. Reúne eventos que tematizam a realidade interna e externa do ser humano, porém de modo a superar o limite do instante e do fragmento. (SPERBER, 1997, p. 99)

A filóloga portuguesa Carolina Wilhelma Michaëlis de Vasconcelos (1986), acerca das diversas nomenclaturas atribuídas aos provérbios, definiu:

Quaisquer notas acerca das designações pelas quais o provérbio, na Península Ibérica, é conhecido, têm de partir das palavras introdutórias que, tanto em estudos eruditos sobre a matéria, como, também, por vezes, em poemas, dramas, novelas ou na linguagem viva do povo, costumam anteceder o mais pequeno ditado. No primeiro caso, não faltam, é evidente, as designações eruditas tais como *parêmia*, *aforismo*, *apotegma*, *prolóquio*, *máxima*. *Adágio* que, a partir de 1500, se tornou corrente entre os eruditos, quase que não havia sido anteriormente utilizado. O

mesmo não sucede com *sentença* e, com mais frequência ainda, *provérbio*. [...] Temos ainda *dito*, *datado*. E além disso, *anexim*. [...] No passado, estas designações não eram, aliás, rigidamente separadas. Não podemos, no entanto, deixar de notar que *provérbio* tinha o significado mais amplo e designava qualquer sentença, de origem bíblica, ou clássica, ou oriental, ou nacional. Independentemente da sua utilização nos estratos altos ou baixos da sociedade. [...] *Sentença*, *dito* e, mais tarde, *adágio*, referia-se, geralmente, a sentenças moralizantes, com conteúdo ético sério, que, ora são postas na boca de filósofos sábios do Oriente (como o Locman de *Bocados do Oro*), do Grécia (Aristóteles, Platão, Sólon, etc.) ou de Roma (Sêneca, Catão, Públio Ciro), ora na boca de Doutores da Igreja ou, de modo geral, na do sábio, do grego, etc. *Verso*, *rifão* e a designação *trebelho* a que ainda não fizemos referência, designam canções populares cantadas, sentenciosas, por vezes com uma certa malícia; e ainda *anexim* e *ditado*, que geralmente constituíam expressões rudes como aquelas que a plebe costuma inventar, para com elas traduzir vivências tristes ou alegres. (VASCONCELOS, 1986, p. 37-41)

Em virtude do objeto de estudo desta pesquisa, não se ateu às distinções entre aforismos, anexins, ditados, máximas, parêmias, provérbios ou sentenças, sendo bastante englobá-las numa única denominação, visto que entre elas há estreita ligação.

O aforismo, por exemplo, é uma sentença doutrinal que apresenta (sinteticamente) o mais importante de algum princípio, de alguma regra; o adágio, outra denominação comumente atribuída aos ditados, encerra um sentido doutrinal, encaminhamento ou conselho; muito semelhante ao provérbio, que se distingue do adágio por apresentar consigo um certo significado histórico.

Os ditados não nascem por geração espontânea na mentalidade dos povos, mas seguem um caminho de criação comum a outras formas simples: faz-se necessário que um membro desse povo, mediante um fato gerador, veja-se imbuído de um gesto mental para que crie um gesto linguístico; este, por sua vez, é filtrado em temas comuns ao homem, a fim de que se eleja um consenso sobre o posicionamento do mesmo perante o mundo e as tribulações e alegrias nele encontradas. Enunciado o gesto linguístico, faz-se necessário que os demais membros desse grupo lhe sejam simpáticos e passem a repeti-lo para que ele se cristalice na mentalidade deste povo.

Jolles (1976), citando Friedrich Seiler, esclarece-nos:

Diz-nos Seiler, às investigações mais recentes: os provérbios e ditados populares não brotam misteriosamente das profundezas da alma popular. ‘Como totalidade, o povo nada cria. Toda criação, toda invenção, toda descoberta emana sempre de uma personalidade individual. É preciso, forçosamente, que qualquer provérbio, qualquer ditado tenha sido primeiro enunciado por alguém, num certo dia, nalgum lugar. Se agradar aos que o ouvirem, será propagado como locução proverbial; é então provável que o retalhem e retoquem até dar-lhe uma forma prática para todo o

mundo, conservando-o, destarte, num provérbio ou ditado unicamente conhecido.’ (...) Este processo tampouco está muito claro. O autor diz-nos que todo provérbio foi locução proverbial e que o povo como totalidade, nada sabe criar ou inventar – embora saiba perfeitamente, segundo parece, ‘retalhar’ e ‘retocar’ um objeto previamente existente, até incluir-lhe uma configuração cuja validade seja universal. Ora, acontece que o provérbio só se torna locução proverbial depois de ter recebido, do povo, essa forma dotada de universalidade e assim por diante. (SEILER apud JOLLES, 1976, p. 131)

A similitude entre estas formas é explicada por André Jolles quando este define que todas emanam de uma espécie de forma simples que seria a locução, na qual se atualizam os provérbios e os ditados. A locução ganha vida sempre que uma experiência é apreendida, reconstruída significativamente, compreendida e reempregada em experiências congêneres.

Sobre a utilização dos provérbios pela literatura, que, nos termos de Jolles se refere à transformação de forma simples em forma literária, Carolina Wilhelma Michaëlis de Vasconcelos (VASCONCELOS, 1986, p. 35-36) definiu:

Compete-me chamar muito sumariamente a atenção para as múltiplas maneiras como a literatura aproveitou os clássicos ditos espirituosos e as sentenças populares, assim como para os diversos nomes pelos quais são designadas as várias espécies, muito diferentes entre si, no que respeita quer à sua origem, quer à sua utilização. (...) Nem à lírica popular nem à palaciana, faltam cantigas sentenciosas, compostas na sua totalidade por provérbios (ajeitados de forma a ganharem ritmo) ou em que cada estrofe glosa um provérbio diferente, o qual é, depois, retomado no último verso como refrão, ou literalmente ou com ligeiras alterações.

Semelhantes entre si, de “ditados” denominaremos todos os exemplos colhidos no *Romance da Pedra do Reino*, a fim de seguir as ideias de André Jolles e por se considerar a denominação mais acessível ao leitor comum, além daquela que melhor envolve todas as demais.

2 O Romance da Pedra do Reino

O *Romance da Pedra do Reino* é narrado pelo protagonista Pedro Dinis Ferreira Quaderna que, ao ser preso por autoridades do Estado Novo, em Taperoá, escreve sua epopeia, seu memorial, a partir das histórias de seus ancestrais: “Para ser mais exato, preciso explicar ainda que meu ‘romance’ é, mais, um Memorial que dirijo à Nação Brasileira, à guisa de defesa e apelo, no terrível processo em que me vejo envolvido” (SUASSUNA, 1976, p. 5).

A obra levou vários anos para sua composição, de 1958 a 1970, período de maturação no qual Suassuna pôde compor um verdadeiro labirinto narrativo e simbólico, enveredando pelos caminhos da memória, da história e da fantasia. A obra prima de Suassuna, lançada em 1971, se divide em cinco livros, estes subdivididos em 85 “folhetos” (“Folheto”, bem como “Livrinho de Feira”, é o nome dado ao impresso pelos poetas e leitores da poesia popular). Os livros são: “I — A Pedra do Reino”; “II — Os emparedados”; “III — Os três irmãos sertanejos”; “IV — Os doidos”; e “V — A demanda do sangral”.

Ariano aponta constantemente a vinculação de sua obra com a cultura popular. Desse modo, no romance há inúmeros sinais identificatórios de tradição. Uma criação febril, polifônica, labiríntica, transcendendo a linearidade, na qual realidade e imaginário, sagrado e profano, trágico e cômico se misturam nas incríveis peripécias, artimanhas e *desaventuras* de Dom Pedro Dinis Ferreira-Quaderna, o Decifrador, o Astrólogo.

A imagética armorial, o híbrido entre os sinais da identidade medieval ibero-moura com o negro e o índio, formam o ser castanho (esse ser castanho é o que Roberto Pontes denominou de *afrobrasílico*, em *Poesia Insubmissa Afrobrasílica*), demarcando as insígnias que norteiam a tessitura do *Romance d’A Pedra do Reino*, nas visagens, lendas, mitos, adágios e sonhos amalgamados com o real e o cotidiano.

Em entrevista aos *Cadernos de Literatura*, Suassuna (2000, p. 27) declarou que começara a tomar notas para a produção do romance em 1958, como uma forma de homenagear seu pai, assassinado como represália pela morte de João Pessoa.

Antes, o autor pensara em produzir uma biografia do pai, ou um longo poema que se chamaria “O Cantar do Potro Castanho”, contudo foi com a *Pedra do Reino* que Ariano contou, de maneira ficcional, os acontecimentos de 1930. Foi com ela que enveredou na matéria humana – riso, sonho, desejos, angústias e deformidades – para expiar a memória do pai e enaltecer a identidade nordestina.

Rachel de Queiroz (1976), no prefácio do romance de Suassuna, confidencia:

A primeira vez em que Ariano Suassuna me falou na Pedra do Reino disse que estava escrevendo “um romance picaresco”. Me interessei logo – lembrei-me das astúcias, da picardia, das artes graciosas do meu querido amarelinho João Grilo, e de certa forma fiquei esperando novas e mirabolantes aventuras deste ou de outro amarelinho parecido, desenvolvidas ao longo de uma história em muitos capítulos – porque ele me avisara também de que o romance era comprido. Mas o paraibano me enganou. Picaresco o livro é – ou antes, o elemento picaresco existe grandemente no romance, ou tratado, ou obra, ou simplesmente livro – sei lá como é que diga!

Porque depois de pronto A Pedra do Reino transcende disso tudo, e é romance, é odisséia, é poema, é epopeia, é sátira, é apocalipse. (QUEIROZ, 1976, p. 11)

À proporção que Quaderna descortina ao leitor o sertão castanho, expressando sua vivência nos fatos que levaram à morte seu padrinho, percebemos que o ato discursivo da personagem expressa a si mesma, fazendo com que a narrativa assuma a forma de memória, presentifica-a, expondo-a de forma a diminuir a distância entre o escrito e o “vivido”.

Obra de difícil definição, as memórias de Quaderna podem também ser consideradas um romance policial, dado o assassinato, em 24 de agosto de 1930, de dom Pedro Sebastião Garcia Barreto, tio de Quaderna, morto numa situação emblemática de romance policial, a morte em quartos fechados.

O próprio Quaderna explica o romance a seus dois mestres, Clemente e Samuel:

– Sim! Consegui essa receita, primeiro, no Dicionário Prático Ilustrado, que recebi de meu Pai. Depois, no livro da genial Albertina Bertha, que Samuel me emprestou. Essa mulher é os pés da Besta, Samuel! É filha de um Conselheiro do Império, Lafayette Rodrigues Pereira, de modo que a palavra dela vale quase tanto quanto a do Doutor Amorim Carvalho, Retórico do Impostor Dom Pedro II! Ela diz que romance já foi “uma forma de Poesia sem canto”. Depois, passou a designar as “narrativas em Prosa”. Mais tarde, ainda, os romances “aparecem sob forma de sátira, de alegoria, de fabulários que se acompanhavam de cantos joviais e obscenos”. Modernamente, diz ela que é importante “o romance inspirado pelos novos métodos de instrução criminal”. Olhem, copiei, no livro, essa parte da receita, e vou lê-la. Diz ela que nesses “romances de instrução criminal”, o enredo para a pista do assassinato “se faz sempre pelo grande Decifrador” e a história termina sempre com “a Virtude recompensada e o Crime punido”. – Não entendi! – falou Clemente. – O que é que você quer dizer com isso? – Quero dizer que, com a história da morte de meu Padrinho, eu poderei fazer um “romance de instrução criminal” pra homem nenhum botar defeito! A história tem todas as qualidades. Primeiro, é terrivelmente cruel. Ora, o Doutor Amorim Carvalho diz que “a Tragédia e a Epopeia podem tirar seus heróis do seio dos grandes criminosos para, ao lado das suas atrocidades, fazer brilhar comoventes virtudes”. Depois, meu Padrinho foi degolado dentro dum quarto sem janelas, cuja porta ele mesmo trancara por dentro. Assim, a morte dele tem todas as características do “grande Crime indecifrável” que a genial Albertina Bertha considera indispensável aos grandes “romances de instrução criminal”! –

Mas se a morte de seu Padrinho não foi decifrada, não poderá servir de assunto, porque a mesma Albertina Bertha observa, muito bem, que os romances desse tipo terminam com a decifração do crime e o castigo do criminoso! No caso, como é que você vai revelar o herói-criminoso, se ninguém sabe quem foram os assassinos de seu Padrinho? – Clemente, eu sou um astrólogo e Decifrador profissional, e digo a você que vou decifrar o Enigma e revelar o Herói dessa história, de qualquer maneira! Depois, tem ainda uma coisa: Albertina Bertha diz que o romance ainda evoluirá, e que “a Guerra produzirá uma Obra embebida de alternativas de vingança e perdão, inflamada de furor épico, rubra, empenachada de altivez e de vitórias,

dolorosa, das renúncias graves e da Vida cantante, por amor a uma defesa, a um símbolo; a um ideal, à Pátria”. (SUASSUNA, 1976, p. 180-181)

E complementa, quando inquirido pelo Inquisidor:

– Nenhum sinal? Nem um botão de camisa? Nem um fio de cabelo? O fato foi verificado? Não havia nenhum indício? – O fato foi verificado no processo, Excelência: não havia indício nenhum! Eu não já lhe disse que isto aqui é um enigma sério, um enigma de gênio, um enigma brasileiro, sertanejo e epopeico? Ora indício! Com indício, é canja, qualquer decifrador estrangeiro decifra! No caso, não havia nada: nem vela dobrada, nem disco mortífero, nem botões de camisa, nem abotoaduras de ouro, nem fios de cabelo, nem alfinete novo, nem nada dessas outras coisas que costumam fornecer pistas aos decifradores dos ridículos enigmas estrangeiros! Para o meu enigma, portanto, só um Decifrador brasileiro e de gênio! (SUASSUNA, 1976, p. 293)

Devemos destacar que o “romance policial” fica sem solução, visto que a obra termina sem que o real culpado (ou culpados) do assassinato sejam apontados, mas as incríveis peripécias, artimanhas e desaventuras de Dom Pedro Dinis Ferreira Quaderna continuarão numa obra maior da qual o *Romance da Pedra do Reino* faria parte. Este foi exatamente um dos motivos da escolha da obra que examinamos, por ser “work in progress”, portanto ainda pautável à influência da cristalização da identidade nordestina.

A obra poderia também ser classificada como o relato de uma saga, a dos Ferreira Quaderna, fidalgos do sertão. A saga é uma das mais ricas *Formas Simples*, que, segundo André Jolles (1976), é a narrativa em prosa de teor heroico acerca de uma família ou clã ou, por extensão, de um povo, de origem popular e oral, que remonta às tradições orais.

No universo mental sertanejo podemos encontrar os matizes que fundariam as disposições mentais originárias da saga, como o sentimento de pertencimento advindo da identidade (principal referencial da saga), representada pelas ligações consanguíneas de uma família, que no nordeste brasileiro se revelam na fidalguia sertaneja.

Em várias partes da *Pedra do Reino*, Quaderna faz referência a sua família, ressaltando-lhes a nobreza e a fidalguia, sinais de mestiçagem e hibridação que cristalizam uma forma simples, a saga – de teor tão estrito – no imaginário e na identidade nordestina, recriando uma cosmogonia imagética nova, a saga dos Reis Castanhos do Sertão.

Quaderna se refere, ainda, aos atuais membros de sua família, *severinos* (utilizou-se o termo como adjetivo, apoderando-se da significação traçada por João Cabral de Melo Neto em *Morte e Vida Severina*) do sertão, dando-lhes o vulto do sangue:

Quando da nossa ruína econômica, nós, filhos legítimos de meu Pai, vimo-nos em situação difícil. Primeiro, nenhum de nós queria decair ao ponto de caixeiro ou empregado de comerciantes, burgueses mesquinhos a quem servir seria uma desonra para simples filhos de Fidalgos: quanto mais para nós, descendentes de Dom João II, o Execrável! Além disso, a terra que, segundo o genealogista Carlos Xavier Paes Barretto, é indissolúvelmente ligada à Fidalguia, em nosso caso não valia mais um vintém, retalhada entre os bastardos de meu Pai! Saímos, então, por portas travessas. Manuel, o mais velho, foi ser Vaqueiro, no Sertão do Sabugi. Francisco, tendo entrado na “Guerra de Doze”, tomou gosto pela vida errante e tornou-se “cabra-do-rifle”. Antônio verificou praça na Polícia, indo assim fazer companhia a Francisco como fidalgo-de-espada. E como os Vaqueiros são pequenos-fidalgos, a serviço dos “ricos-homens” que são os Fazendeiros, estavam agora, todos três, com seus problemas razoavelmente solucionados. Quanto a mim, incapaz de cavalarias, meu Pai me destinou à carreira eclesiástica, que, podendo me levar até o posto de Bispo, poderia me tornar Príncipe da Igreja, dignidade quase tão alta quanto a dos Reis, meus antepassados. (SUASSUNA, 1976, p. 129)

O título nobiliárquico de “Dom” passa a representar uma insígnia de valor, mais do que um “título” em si, que justificaria os sonhos e anseios de Quaderna, nos planos de ascensão a *Gênio da Raça* e na construção do *Castelo Literário*, ladeado pelas rochas irmãs da Pedra do Reino.

Se se pede uma definição às desventuras de Dom Pedro Dinis Ferreira Quaderna, ficou-se então com a feita por Rachel de Queiroz (QUEIROZ, 1976, p. XI-XII) no “Prefácio”, pois é aquela que melhor traduz o espírito tradicional imanente à obra, que melhor revela o caminho labiríntico da narrativa e que melhor manifesta o estilo de Suassuna:

Mas se o hábito da rotulagem faz a gente insistir na tentativa de situar o livro dentro de um gênero – pois que então fique como romance; será romance este livro tumultuoso de onde escorre sangue e escorrem lágrimas, e há sol tirando fogo das pedras, e luz que encandeia, e um humor feroz e uma ainda mais feroz e desabrida aceitação da fatalidade. Contudo, também poderia ele ser uma Crônica – no sentido de que relata casos supostamente históricos, guerras e armadilhas e elevação e trucidamento de reis, rainhas e princesas. Mas também é profecia e doutrinação, também é romance de cavalaria e conto fantástico – e romance erótico, por que não? erotismo seco, reduzido aos essenciais, uma espécie de erótico sem luxúria, esfolado e ríspido. É profético, porque passa por ele todo um sopro religioso, partindo embora de boca maldita – mas nunca chega a ser demoníaco. E o heroísmo é todo entremeado de covardia, como o resumo do Dom Pedro Diniz Quaderna em pessoa: – os ouropéis heróicos apenas encobrem a sórdida velhacaria, o medo e os suores frios de degenerado descendente dos ferozes reis sertanejos do castelo das duas torres.

As expressões proverbiais se tornam claro recurso identitário à proporção que informações de cunho social, histórico e geográfico, assim como informações de cunho

jocosos, religiosos e de trabalho, etc. – sinas de mentalidade – se cristalizam em sentenças calcadas na experiência das ações humanas.

3 Cristais no sertão

A *Pedra do Reino* junta-se a *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, e *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, para compor um gigantesco painel sobre o Brasil do interior e a identidade do Nordeste brasileiro, expressa em verso e prosa pelos artistas do povo. Na obra, ditados e provérbios cristalizam a mentalidade do sertanejo, ressignificando sinais identitários mediante a ação de formas simples.

Seguem-se registros de provérbios, locuções proverbiais, máximas, anexins e ditados que se cristalizaram no romance². Esta informação ficaria melhor em nota de rodapé e não no corpo de texto.

Fatal destino o dos brasílios Mestres!
Fatal destino o dos brasílios Vates!
Política nefanda, horrenda e negra,
pestilento Bulcão abafa e mata
quanto, aos olhos de irônico estrangeiro,
podia honrar o pátrio pensamento! (PR, 29)

A expressão “abafa e mata” na estrofe de Fagundes Varela, citada por Quaderna, é deveras empregada no sertão, significando “traíçoeiro, o que arma armadilhas, aquele que age por traição”.

– É mesmo! – comentei. – Minha sede de caçador é tanta que, vendo a caça menor, perto, nem me lembrei que podia espantar a maior! Mas isso é de quem é caçador, mesmo, e, como diz o ditado, “é melhor uma rola na mão do que duas no cu!”. (PR, 83)

O ditado “é melhor uma rola na mão do que duas no cu!” é uma corruptela de “é melhor um pássaro na mão que dois voando”, significando a necessidade de se “manter os pés no chão”, ou seja, ser realista contentando-se com o que se tem ao invés de se entregar aos sonhos e nada alcançar.

² Doravante, as citações que se referem à *Pedra do Reino* serão grafadas da seguinte forma: (PR, n), onde o “PR” significa a obra e o “n” a página onde se encontra a citação.

Corruptela que também se encontra em “um ar de quem provara e não gostara” de “comeu e não gostou” no trecho “O Corregedor fez ‘um ar de quem provara e não gostara’, como dizia minha Tia Filipa. Mas resolveu passar por cima. Trocou um olhar com Margarida e continuou” (PR, 270). A expressão se traduz como “insatisfação”, ou ainda, “como alguém que tem que aceitar algo por obrigação”.

– Bem, Senhor Corregedor, como eu já disse, soube de todas essas histórias por intermédio de terceiros, e, "como dizia a vaca quando começou a correr atrás de Mestre Alfredo, quem conta um conto aumenta um ponto". Assim, não seria nada demais que eu, por minha vez, aumentasse meu ponto, pois é, mesmo, uma característica das Epopeias essa de seu fogo vir sempre coberto de fumaça (PR, 411).

O ditado “quem conta um conto aumenta um ponto” é deveras conhecido, podendo ser interpretado como um exercício de criatividade ou inclinação à fantasia, um exercício de intertextualidade e reinvenção. Observa-se que Quaderna emprega a forma mais tradicional, aludindo a expressão a um certo *Mestre Alfredo*, dando a expressão um ar de sabedoria pela autoridade de quem a proferiu: *mestre*.

Também na mesma citação encontramos outra locução proverbial: “fogo vir sempre coberto de fumaça”, referente a “não há fumaça sem fogo”. Ditado de origem latina – *Ubi fumus, ibi ignis* – retrata a um só tempo a importância de se observar os sinais para se chegar a uma proposição, assim como a riqueza simbólica do termo “fogo”, tão comuns em outros provérbios e máximas, como o “Quando a casa do vizinho está pegando fogo, a minha casa está em perigo” (Horácio), “Não há fogo sem fumo”, ou ainda as variantes galega (Onde há fumaça, houve fogo) e russa (Não há fumaça sem fogo): “Sim, porque, na minha opinião, a história da furna do Profeta Nazário pode ter sido é uma revelação de botija referente ao tesouro e ao testamento do Rei Degolado (PR, 502)!”.

Na citação acima há a criação de uma locução proverbial, “revelação de botija”, ao se apoderar metaforicamente do termo “botija”, que se refere a “um segredo, um tesouro escondido”. “Revelação de botija” é uma descoberta grandiosa, algo sobrecomum que estava escondido e que não teria a menor possibilidade de ser revelado.

O ditado “não tem nem um pra remédio” que equivale a “não ter pelo menos um para salvar” ou “está em falta completa” encontra referencial em “um jacu, pra remédio”, presente na citação abaixo.

Cheio de orgulho, meti o peru-do-mato no bisaco, e foi assim que, naquele dia memorável, acrescentei a morte de um jacu a lista dos meus heroísmos. Mas o Sol já ia mais ou menos alto, jacu não apareceria mais. Saímos das esperas e fomos ao encontro dos outros, que já gritavam por nós. Argemiro tinha matado um jacu e Leônidas outro; empate comigo, surrados por Malaquias! A Deósio, não aparecera “um jacu, pra remédio”: nem atirar ele conseguira! (PR, 92)

No *Romance da Pedra do Reino* percebe-se que o termo “onça” adquire uma significação plural nos vários contextos em que é empregado. No Folheto I, “Pequeno cantar acadêmico a modo de introdução”, por exemplo, “onça” significa o *mun*do, o *divino* e a força feroz do animal:

Daqui de cima, no pavimento superior, pela janela gradeada da Cadeia onde estou preso, vejo os arredores da nossa indomável Vila sertaneja. O Sol treme na vista, reluzindo nas pedras mais próximas. Da terra agreste, espinhenta e pedregosa, batida pelo Sol esbraseado, parece desprender-se um sopro ardente, que tanto pode ser o arquejo de gerações e gerações de Cangaceiros, de rudes Beatos e Profetas, assassinados durante anos e anos entre essas pedras selvagens, como pode ser a respiração dessa Fera estranha, a Terra – esta Onça-Parda em cujo dorso habita a Raça piolhosa dos homens. Pode ser, também, a respiração ferosa dessa outra Fera, a Divindade, Onça-Malhada que é dona da Parda, e que, há milênios, acicata a nossa Raça, puxando-a para o alto, para o Reino e para o Sol.

Daqui de cima, porém, o que vejo agora é a tripla face, de Paraíso, Purgatório e Inferno, do Sertão. Para os lados do poente, longe, azulada pela distância, a Serra do Pico, com a enorme e altíssima pedra que lhe dá nome. Perto, no leito seco do Rio Taperoá, cuja areia é cheia de cristais despedaçados que faíscam ao Sol, grandes Cajueiros, com seus frutos vermelhos e cor de ouro. Para o outro lado, o do nascente, o da estrada de Campina Grande e Estaca-Zero, vejo pedaços esparsos e agrestes de tabuleiro, cobertos de Marmeleiros secos e Xiquexiques. Finalmente, para os lados do norte, vejo pedras, lajedos e serrotes, cercados a nossa Vila e cercados eles mesmos por Favelas espinhentas e Urtigas, parecendo enormes Lagartos cinzentos, malhados de negro e ferrugem, Lagartos venenosos, adormecidos, estirados ao Sol o abrigando Cobras, Gaviões e outros bichos ligados à crueldade da Onça do Mundo. (PR, 3)

A força e a ferocidade são os mesmos significados que dão a tônica aos provérbios “Quem banca o Carneiro, e não o homem, a Onça chega por trás e come” e “Depois da Onça estar morta, qualquer um tem coragem de meter o dedo no cu dela” (PR, 12), assim como se percebe em “quem tem medo de Onça não se mete a andar no mato” (PR, 334). Outros exemplos de provérbios de força: “não se incomode não, que o café dele está se coando!”, “não faça isso nem que você me dê um doce!”, “rebento, mas não afraco!” e “compre cinco tostões de cá-te-espero”.

Destacam-se, ainda, aqueles que revelam sinais de religiosidade cristalizada na identidade nordestina e que se cristalizaram em seus provérbios, tornando-se redivivos na Pedra do Reino.

Quanto ao segundo Cavaleiro, para evocá-lo aqui talvez seja ainda mais necessário que eu me socorra das Musas de outros Poetas brasileiros e da minha própria – aquele Gavião macho-e-fêmea e sertanejo ao qual devo minha visagem poética e profética de Alumiado. Cercava-o, efetivamente, uma atmosfera sobrenatural, uma espécie de “aura” que só mesmo o fogo da Poesia pode descrever e que, mesmo depois de sua chegada, ainda podia ser entrevista em torno da sua cabeça, pelo menos “por aqueles que tinham olhos para ver”. (PR, 15)

A locução proverbial “aqueles que tinham olhos para ver” bem se assemelha a “Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas”, registrado em “Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: Ao que vencer, dar-lhe-ei a comer da árvore da vida, que está no meio do paraíso de Deus” (Apocalipse, 2:7), preservando-lhe o sentido, assim como em “tudo era uma questão de saber olhar” (PR, 125): resíduos de religiosidade no imaginário sertanejo.

Outro ditado que se cristaliza na Pedra do Reino é “a terra se abrija e ele fora sepultado em suas entranhas”, de intenso teor metafórico, resíduo de mentalidade presente também na locução “E a terra abriu a sua boca, e os tragou com Coré, quando morreu aquele grupo; quando o fogo consumiu duzentos e cinquenta homens, os quais serviram de advertência” (Números, 26: 10):

– Aí é que está o nó, Excelência, ou melhor, aí é que está a parte mais astrológica e zodiacal do nó! Naquele dia, quando nós descemos daquela torre astrosa e fatídica, nova e terrível surpresa nos aguardava, embaixo: Sinésio, o filho mais moço, mancebo que andava então pelos vinte anos, tinha desaparecido. Parecia que “a terra se abrija e ele fora sepultado em suas entranhas”! (PR, 295)

O próprio Quaderna, neste enxerto, explica-nos a utilização desta expressão, afirmando que a utiliza por dois motivos: primeiro, por estilo, “o estilo genial, ou régio, o estilo raposo-esmeráldico e real-hermético dos Monarquistas da Esquerda”; segundo, pela expressão descrever com precisão o destino de seu primo Sinésio:

Agora, porém, quando eu afirmei que a terra se abriu e meu primo e sobrinho Sinésio foi sepultado em suas entranhas, não estava falando assim somente por uma questão de estilo não. Usei a expressão, primeiro porque é a usada em todos os “contos” do Almanaque Charadístico, de onde a copiei. Depois, porque, no caso, ela

se aplica perfeitamente à estranha Desventura de Sinésio, o Alumioso, e à Demanda Novelosa do Reino do Sertão! (...) Mas as pessoas que, aqui na Vila e no resto do Sertão, eram contrárias a Sinésio, isto é, os partidários do usineiro e dono de minas Antônio Noronha de Britto Moraes, esses diziam que Sinésio estava morto e bem morto, sepultado não no subterrâneo, mas sim debaixo dos clássicos e comuns sete palmos de terra que cobrem todo mundo! Como Vossa Excelência pode ver agora, em qualquer dos casos a expressão do Almanaque Charadístico se aplica perfeitamente, porque, seja no chão ou no subterrâneo, o fato é que a terra se abriu e Sinésio foi soterrado – ficou ali, soterrado, sepultado em suas entranhas! (PR, 295-298)

Concentrados da sabedoria coletiva, os ditados são gestos linguísticos registrados na mentalidade, em seguida lapidados antes de se cristalizarem no conhecimento de mundo dos povos.

Lapidados por meio de uma linguagem absolutamente acessível e fácil de memorizar, em linguagem figurada, metafórica por natureza, especulando-se de maneira pedagógica e moralizante sobre os sentidos e as experiências da vida e das coisas do mundo concreto, como estas registradas na alma da Onça-Parda, o sertão-mundo da Pedra do Reino.

4 Conclusão

O realismo transfigurado pela mentalidade é o que matiza a narrativa de Dom Pedro Dinis Ferreira-Quaderna, *o Romance da Pedra do Reino*, o castelo literário do fidalgo castanho, transformando fatos em referências simbólicas recobertas por camadas de um imaginário sertanejo.

A “ação de registro” das memórias de Quaderna durante o inquérito apresenta uma realidade magnificada, à proporção que se recria o real em arte, através do percurso dialógico entre fato e imaginário que permite ao herói uma “bipolaridade” entre o mágico e o sonho, entre a alucinação e a astúcia, entre o “faz-de-conta” e o “de vera”, num discurso mediador entre autor e personagem-narrador, entre Quaderna e o Corregedor, em estilo régio, em reinvenção de símbolos no narrar de sua ascendência e de seu desejo literário de compor a “obra máxima da humanidade”, cujo enredo será o “crime indecifrável” pelo qual esta sendo investigado.

Nesse movimento constante de fragmentos, Ariano Suassuna, pela voz de Quaderna, usa na Pedra do Reino “insígnias” de mentalidade na construção do estilo régio e epopeico de Dom Pedro Dinis Ferreira-Quaderna, através da reelaboração constante de memória e tradição

em um novo contexto imaginativo, que trouxe ao texto novas possibilidades criativas que deram ao plano enunciativo uma “abertura de significação”, gerando a permanência de resíduos de realidade, sedimentos que serão novamente materiais de criação simbólica.

A recriação artística dessas formas simples apodera-se, mediante as “memorações perpetuadoras” de Quaderna, de uma mentalidade que permanece no espírito sertanejo para a criação de uma “cumplicidade sutil” com o leitor no “jogo da linguagem”, no “jogo de metamorfoses da ficção”, na técnica picaresca, na sátira social, na sátira de costumes (políticos, literários, sociais e religiosos) que seduz o leitor mediante amálios de identificação com a condição do herói, através de projeções imagéticas deste com o narrador, registradas na alma da Onça-Parda, o sertão-mundo da Pedra do Reino.

Entre estes resíduos, encontram-se formas simples cristalizadas, ditados e provérbios ressignificados de forma a matizar o corolário imagético sertanejo, num tom entre o pedagógico e o artístico, entre o picaresco e o dramático, entre o moralizante e o jocoso, em mosaico caleidoscópico de sentidos.

REFERÊNCIAS

JOLLES, André. **Formas Simples**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976.

QUEIROZ, Rachel de. Prefácio. In.: SUASSUNA, Ariano. **Romance da Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta**. 4 ed.. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1976.

SPERBER, Suzi Frankl . Amor, medo e salvação. Aproximações entre Valdomiro Silveira e Guimarães. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. São Paulo, n.41, p. 97-120, 1997.

SUASSUNA, Ariano. **Romance da Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta**. 4 ed.. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1976.

_____. **Cadernos de literatura brasileira**. São Paulo: Instituto Moreira Sales. 2000.

VASCONCELOS, Carolina Wilhelma Michaëlis de. Mil Provérbios Portugueses. In: **Revista Lusitana**. n. 7, Nova série, Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986, p. 29-71.

[Recebido: 11 set. 14 – Aceito: 21 set. 14]

